

ELISÃO NARRATIVA EM *PELOS OLHOS DE MAISIE (WHAT MAISIE KNEW, 1897)*: AMBIENTAÇÃO REFLEXA E AMBIVALÊNCIA MORAL NA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA HOMÔNIMA (2012).

Janaína de Oliveira Nascimento¹, José Carlos Felix²

1. Estudante da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
2. Professor da UNEB - Departamento de Ciências Humanas/Orientador.

Resumo

O objetivo desta pesquisa consiste em investigar como as técnicas experimentais modernistas empregadas por Henry James no romance *Pelos Olhos de Maisie (What Maisie Knew, 1897)* modulam o elemento formal ponto de vista por meio da elisão narrativa a qual, por sua vez, engendra uma ambientação reflexa, resultando em uma linha tênue de ambivalência na estrutura narrativa do romance a partir da focalização da protagonista Maisie. Partindo desta hipótese de leitura, em um segundo momento da pesquisa, busca-se deslindar de que forma tais estratégias narrativas e recursos fílmicos são empregados para transpor a modulação da ambientação reflexa de ambivalência moral para a adaptação fílmica *Pelos Olhos de Maisie (2012)* direção de Scott McGehee e David Siegel, e roteiro de Carroll Cartwright e Nancy Doyne.

Palavras-chave: Ponto de Vista; Literatura Comparada; Modernismo em Língua Inglesa.

Apoio financeiro: CNPq/PIBIC

Trabalho selecionado para a JNIC: Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Introdução

O romance *Pelos Olhos de Maisie (What Maisie Knew)*, de Henry James e publicado em 1897, foi considerado pelos críticos da época como uma das obra mais marcantes do escritor por tratar da pungência do sofrimento de uma criança de apenas seis anos e investigar “mais fundo no coração humano” (JAMES, 2010, p. 9). James se inquietava com os romances do período vitoriano, majoritariamente pautados em “santimônia ilusória”, que, a seu entender, pendiam para uma explícita inclinação moral, ao julgar as ações das crianças de acordo com a consciência moral adulta. James “acreditava desde o início que os temas mais ‘humanos’ são aqueles que refletem as ambiguidades morais da vida” (BOOTH, 1983, p. 49), e desenvolveu assim uma narrativa que voltasse para o escrutínio e purificação das “paixões mais vis de nossa natureza fazendo-as passar pela mente de uma criancinha” (JAMES, 2010, p. 16). Nesse sentido, a questão crítica postulada por James que emerge de dentro do romance centra-se em como uma criança desenvolve o “senso moral” em um ambiente complexo e hostil ao qual é exposta; e, conseqüentemente, como as ações desta criança poderiam ser julgadas ao ponto de ser afetada por alienações, traições e erotismo que presencia no ambiente em que convive. Com efeito, por meio de tais questões, a pesquisa pretende analisar como James constrói o ponto de vista narrativo por meio da elisão entre o narrador onisciente neutro e uma onisciência seletiva múltipla moduladas a partir da/na focalização da personagem/protagonista Maisie, criando desta forma uma atmosfera de ambientação reflexa de ambivalência moral, pois os fatos narrados são filtrados pela perspectiva da personagem protagonista. Para isso, a pesquisa trata investigar as estratégias experimentais feitas por James a partir da modulação e elisão entre três camadas de narração, a saber: 1) narrador onisciente; 2) narrador multisseletivo; 3) narrador onisciente intruso, produzindo assim ambientação reflexa responsável pela ambivalência moral do romance. Do mesmo modo, examinou-se quais as estratégias narrativas e recursos fílmicos foram empregados para transpor a impressão desta ambientação reflexa para a adaptação fílmica *Pelos Olhos de Maisie (2012)* direção de Scott McGehee e David Siegel, com roteiro de Carroll Cartwright e Nancy Doyne.

Metodologia

Por se tratar de uma pesquisa na área de estudos literários e fílmicos, o método de trabalho seguiu uma abordagem majoritariamente bibliográfica. Os objetos que integraram o *corpus* desta pesquisa foram o romance *Pelos Olhos de Maisie* e sua adaptação cinematográfica homônima. A pesquisa foi dividida em dois grandes eixos: o primeiro eixo consiste em uma análise estrutural do livro, que teve como finalidade mapear os elementos que compõem a estruturação do ponto de vista e do enredo, configurando-se como análise formal do objeto, com a intenção de observar as estratégias empregadas no discurso narrativo, tendo como base Friedman (2002) e Leite (2002), principalmente no que diz respeito à categorização de narrador onisciente, narrador onisciência seletiva múltipla e narrador onisciente intruso; Lodge (1993), no contexto e aplicação do modo narrativo na narração, no caso do objeto em questão, a elisão entre camadas narrativas; Bal (2014), para focalização e objeto focalizado no que diz respeito ao desenvolvimento de personagem; Booth (1983), no que se refere aos procedimentos experimentais do modo narrativo; Lubbock (1921), acerca da conceitualização e abordagem do método cênico empregado no discurso narrativo; Lins (1976), no que tange o conceito de ambiente e

ambientação reflexa empregados a partir do ponto de vista e focalização da personagem. O segundo eixo da pesquisa pautou-se no exame dos recursos fílmicos que são empregados pela adaptação cinematográfica para recriar a elisão entre os pontos de vistas, com vistas a compreender de que forma tais elementos e convenções literárias são deslocados para uma estrutura da narrativa visual cinematográfica. Nesse sentido, nas questões relacionadas à linguagem cinematográfica tais como montagem, enquadramento, *mise-en-scène*, fotografia e trilha sonora durante o processo de adaptação cinematográfica, a pesquisa baseou-se nas discussões abordadas por teóricos como Stam e Raengo (1941) e McFarlane (1996).

Resultados e Discussão

O primeiro procedimento empregado na construção do arco narrativo no romance é a instalação do “centro de consciência” na protagonista Maisie. James justifica sua escolha baseado no argumento de que “as crianças têm muitas percepções que não podem traduzir em palavras; sua visão é sempre muito mais rica, sua apreensão é constantemente mais forte do que seu vocabulário imediato” (2010, p. 394). Nesse sentido, a estratégia narrativa utilizada por James provoca a divisão deste centro de consciência por meio da “dissimulação” da personagem, gerando desta forma dois “eus”: um interior e outro exterior. O primeiro, “eu interior”, opera no âmbito da compreensão dos fatos já que o segundo, o “eu exterior”, apenas os “vê/testemunha”; porém o que pode ser visto, não necessária ou imediatamente compreendido. Assim, as primeiras análises do romance revelam que o “eu exterior” corresponde a protagonista Maisie, visto que a singularidade de sua condição (uma criança cujo olhar e parca experiência não permitem ainda uma apreensão da complexidade e sutileza dos eventos vividos). Por sua vez, este “eu interior” opera também como um narrador onisciente (por vezes indeterminado), pois, além de ser capaz de ver e interpretar os fatos - a seu modo – também decide de que maneira o leitor poderá acessar tudo aquilo que foi observado e testemunhando “pelos olhos” de Maisie. Ou seja, o resultado dessa modulação caracteriza uma função dupla da protagonista que funciona tanto como refletor narrativo quanto objeto focalizado, visto que o narrador ocupa também a função de focalizador, sendo ao mesmo tempo protagonista e o próprio objeto focalizado. Ademais, a perspectiva da personagem desdobra-se na ambientação refletida por Maisie sendo constituída de uma atmosfera ambígua, pois as questões morais presenciadas por ela se apresentam divididas por uma linha tênue que oscila entre a sua percepção e apreensão/compreensão dos fatos vistos e ouvidos. Cabe ainda ressaltar a estrutura narrativa do romance, construída a partir da sobreposição de três narradores distintos: o primeiro narrador é onisciente (indeterminado), responsável por introduzir a história no capítulo inicial, denominado de “capítulo zero”; o segundo narrador multisseletivo inscreve-se na protagonista Maisie, a qual não narra diretamente os fatos, pois a narrativa é filtrada por sua percepção; e o terceiro o narrador onisciente intruso (o próprio Henry James ficcionalizado), que se apresenta em poucas, porém, decisivas ocasiões. Um outro recurso empregado por James para criar o ‘ambiente’ da estrutura narrativa do romance constrói-se a partir do método cênico como canal de desenvolvimento da ação, consistindo nas cenas dramatizadas pela percepção da personagem e mostradas como se o leitor estivesse diante de um palco, vendo e ouvindo tudo que se passa, projetando desta forma uma “intensidade de ilusão”, pois o propósito de James consistia em alcançar um efeito “realista”. No que tange à adaptação cinematográfica, observa-se a recriação da ambientação reflexa de ambivalência moral por meio da focalização da protagonista Maisie, também por meio do constante emprego da câmera subjetiva, evidenciando assim a perspectiva da personagem. Desse modo, no filme, o ponto de vista e a focalização da/na protagonista permitem gerar uma experimentação análoga ao da ambientação reflexa de ambiguidade moral presenciada pela Maisie do romance. Tão efeito é atestado nos momentos em que a câmera assume o papel narrativo, a qual transita entre os ângulos: objetivo, subjetivo e ponto de vista (narrador câmera). Cabe ressaltar ainda que as cenas do filme que provocam repulsa, indignação e empatia no espectador configuram-se majoritariamente naquelas em que a câmera sempre focaliza o olhar de Maisie; ou ainda pela maneira que o ângulo do enquadramento oscila no sentido longe/perto, adensando a impressão de que a personagem está olhando diretamente para o espectador. Já o emprego da câmera objetiva, o ângulo opera do ponto de vista lateral, assim o espectador testemunha os eventos através dos olhos de um observador invisível apenas como se estivesse ouvindo, assim os demais personagens nunca voltam o olhar para a lente, provocando um total distanciamento com o espectador.

Conclusões

O cotejo analítico entre o romance de James com a adaptação cinematográfica permite concluir que a complexa estrutura narrativa do livro é recriada da seguinte forma na adaptação cinematográfica: 1) o ponto de vista composto pela elisão dos narradores onisciente indeterminado e onisciente intruso do romance é convertido no narrador câmera do filme; 2) a câmera objetiva e câmera subjetiva operam na função da onisciência seletiva múltipla; 3) a focalização é recriada por meio da focalização e o enquadramento da câmera; 4) a ambientação reflexa e a ambivalência moral são construídas por meio da elisão narrativa entre a focalização na personagem e a câmera subjetiva, modulando desta forma o ambiente que, por sua vez, é refletido por meio da percepção da personagem Maisie. Por fim, na adaptação cinematográfica, esta ambientação reflexa de ambivalência moral configura-se por meio dos recursos fílmicos empregados como as cenas que provocam piedade/indignação e ou repulsa do espectador. À guisa de conclusão entre romance e adaptação cinematográfica, cabe ainda ressaltar que, de acordo com McFarlane, “o romance baseia-se em um sistema de signos totalmente verbais, o filme variadamente e às vezes simultaneamente, em significantes visuais, auditivos e verbais” (1996, p. 26). Nesse sentido, pode-se observar uma conspícua inflexão da estética visual no cinema na literatura de James, bem como de vários outros modernistas, visto que, em sua ficção, James perseguia uma injunção que intenta alcançar uma distribuição equilibrada de ênfase na interpretação do que é olhado, quem está olhando e o que o

observador faz com tudo aquilo que Maisie vê, sabe e compreende. Desta forma literatura e cinema se aproximam-se mais do que se distanciam em termos de experimentos estéticos e narrativos, pois do conceito jamesiano do 'centro de consciência' jamais poderia ser confundido com a narração em primeira pessoa e certamente esteja muito "mais próximo que o filme pode vir na direção da narração de primeira ou terceira pessoa" (McFarlane 1996, p. 19), deslocando a ficção literária do contar e aproximando-a do mostrar das artes visuais modernas como o cinema.

Referências bibliográficas

- BAL, Mieke. **Narratology: Introduction to the theory of narrative**: 4 Ed. Toronto: University of Toronto Press, 2014.
- BOOTH, Wayne C. **The rhetoric of fiction**: 2. Ed. Chicago: The University Chicago, 1983.
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: O desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, nº 53, p. 166-182, março/maio 2002.
- JAMES, Henry. **Pelos olhos de Maisie**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras; Penguin, 2010.
- JAMES, Henry. **What Maisie Knew**. Londres: Wordsworth Classics. 2002.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 10. ed. São Paulo: Afiliada, 2002.
- LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.
- LODGE, David. **The Art of Fiction**: illustrated from classic and modern texts. USA: Viking. 1993.
- LUBBOCK, Percy. **The Craft of Fiction**. Project Gutenberg Online Distributed Proofreading Team: ISO-8859-1.
- MCFARLANE, Brian. **Novel to Film. An Introduction to the Theory of Adaptation**, Oxford: Oxford University Press, 1996.
- STAM, Robert; RAENGO, Alessandra. **Literature and Film: A guide to the Theory and Practice of Film Adaptation**. Australia: Blackwell Publishing. 2005.
- What Maisie Knew**. Direção Scott McGehee e David Siegel; Roteiro Nancy Doyne e Carroll Cartwright. Estados Unidos: Red Crown Productions, 2012.